



A consciência e o cristão

Franklin Dávila

A consciência e o cristão

Franklin Dávila

A consciência e o cristão

Pt. Franklin Dávila

No final de algumas tardes ensolaradas do inverno amazônico, no recesso das chuvas, eu saía para brincar num terreno cheio de árvores que ficava do outro lado da cerca que o separava de minha casa. Era o meu espaço predileto para brincar. Gostava de ouvir o silêncio da natureza, o canto dos passarinhos, o bater em minha pele de um vento leve e aspirar o cheiro do mato rasteiro que se espalhava por toda a atmosfera. Ali eu apreciava o verde-oliva das folhas marmoreadas pelas gotas prateadas da chuva e inspirado pela nostalgia do crepúsculo entregava-me a pensar na misteriosa, intocável e inalcançável Pessoa de Deus, na eternidade de um tempo sem fim e na razão de ser da minha existência iniciante.

Naquele terreno, depois da chuva, se formavam poças de água, e, entre uma distraída brincadeira e outra, corria para perto daquelas poças, principalmente as que continham mais água, e ali permanecia por um bom tempo, pensando e brincando, com a cabeça baixa, olhando fixamente para o espelho de água represada numa concha aprofundada da terra cavada pelas águas que vinham das nuvens. E com o auxílio da luz levemente dourada do sol cadente que começava a desaparecer no horizonte, podia contemplar o vivo azul do firmamento, lá no fundo da água represada, numa profundidade imaginária imensurável,

infinita, tão infinita quanto olhar para cima, para o azul do céu intocável. Impressionava-me ver projetado no raso leito daquela poça terrena o azul anil celestial tão distante e que me fazia sentir tão pequeno, ao mesmo tempo em que me sentia possuidor de uma volumosidade existencial interior indescritível.

Dessa contemplação infantil, a partir do contato com as coisas simples da natureza, aquele menino pequeno, de calças curtas e pés despidos deixava-se envolver pelo manto suave dos pensamentos que surgem tantas vezes na tela vitrificada da realidade temporal.

Aqueles finais de tardes traziam consigo uma coisa curiosa: elas conseguiam ser silenciosas, tristonhas, alegres, bonitas e poéticas ao mesmo tempo. Era assim que minha alma infantil percebia aquela natureza.

As tardes amazônicas, na estação chuvosa, não costumam ser ventiladas, mas a temperatura fresca, o verde das árvores, a revoada dos pássaros que se reencontravam em cântico rumo aos ninhos, eram uma inspiração, uma nostalgia alegre para a alma de uma criança cujo ser estava em plena formação. Esse cenário todo, embalado por uma formação religiosa familiar desde o berço, despertava pensamentos espirituais, desses que se fazem inexplicavelmente presentes na mente de uma criança em descoberta.

E ali permanecia eu, durante um bom tempo, diante daquela poça, contemplativo, inclinado, com os pés descalços na terra úmida, tranquilo, numa postura quase devocional, reverente, cauteloso para não toldá-la, não agitá-la para não perder a bela mensagem proclamada no púlpito da natureza criada por Deus.

E foi assim, absorvido por esse cenário simples, mergulhado imaginariamente na caudalosa profundidade do ser, da vida, do céu e das coisas de Deus, que minha alma parece ter começado a alçar os primeiros voos para o Alto, para tocar o infinito e numa procura da qual não me dava conta, mas que nem por isso perdia o senso e o sentimento de uma realidade que ia além do firmamento.

É do que eu me lembro daquele jardim da minha infância, bem ao lado de minha casa, num terreno abandonado, que hoje já não existe mais, porque deu lugar ao concreto.

Mas o tempo passou, fui crescendo, as circunstâncias mudaram e não tive mais como brincar no terreno vizinho, nem mais me vi curvado nas poças d'água que inspiravam minha imaginação. Meu espírito, porém, não mudou, não deixou de ser, continuou a mergulhar, não mais nas águas represadas das chuvas, nem no lago de minha imaginação, mas em outro "lago", agora bem real e tão profundo como o daquela imaginação infantil, o lago de minha consciência.

As experiências e os sentimentos do tempo inicial da existência foram mudando naturalmente com o tempo, no entanto, aprendi que tudo aquilo que fora um místico pasatempo da infância, tornou-se a realidade dos meus dias e pensamentos, sempre convocados a mergulhar na profundidade de meu mundo interior, esse lago insondável, no qual a alma navega na direção do horizonte que une e separa o Criador da criatura.

Este texto não é um profundo estudo sobre a consciência, mas um convite aos leitores para mergulharmos nesse profundo lago, tocarmos o seu leito de areia prateada

da, curvamos a cabeça e nos concentrarmos na imensidão de nosso ser, e, sob os raios emitidos pelo Sol nascente das Alturas, contemplarmos o lago no qual se move e navega a alma de cada um de nós.

Nestas poucas letras, com os pés no chão, lembrando-me de que eles são de barro e com o espírito quebrado pelo reconhecimento de quem eu sou, ousou convidá-lo para pensar os seus pensamentos, analisar a sua fé, sondar a sua intimidade com Deus e discernir os rumos de sua vida a partir de uma consciência iluminada pela Palavra e pelo Espírito.

A agressão da consciência

Certa jovem procurou seu pastor para aconselhamento. Logo no início da conversa a moça um tanto constrangida revelou que estava grávida. Contou sobre sua tristeza, do receio de contar aos pais, o constrangimento perante amigos e a disposição de não querer ser mãe. Manifestou sua intenção de praticar o aborto. Ouviu conselhos para que não fizesse tal coisa, que era pecado contra Deus, que se tratava de um crime contra um ser indefeso. Depois dessa conversa desapareceu da congregação, retornando de novo ao convívio após algum tempo, participando dos cultos, cantando e conversando normalmente com as pessoas. A atitude dela chamou à atenção do pastor, que ficou sabendo que a gravidez fora interrompida com a prática do aborto.

O que mais impressionou o ministro foi a naturalidade da jovem que sequer demonstrava o menor pesar ou arrependimento pelo ato praticado.

Atitudes semelhantes também têm sido vistas com a prática de outros pecados que estão se tornando cada vez mais comuns entre os cristãos: prostituição, impureza, lascívia, inimizades, iras, discórdias, dissensões, facções, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas vêm sendo praticadas com a maior naturalidade por muita gente que se diz cristã e participa de igreja.

O que será que está acontecendo? Porventura os cristãos não estão mais levando a sério a vida espiritual? Será que o temor ao Senhor está desaparecendo da alma de seus filhos? Porventura deixamos de ouvir a voz do Espírito? Já não conhecemos a sua reprovação? Somos uma geração que deixou de se autoexaminar? Porventura perdemos a consciência de nossos atos?

A importância da consciência

Uma das maravilhas do mundo é a constituição humana e dentre as muitas maravilhas que há no homem, a consciência é a primeira.

Foi Deus quem a pôs no homem para que exerça a função de “acusar” e “aprovar” os atos humanos. (Rom 2.15). Por ter sido colocada em nós pelo Criador seu valor é inestimável, porque através dela, os atos podem ser avaliados, julgados, além de orientar a direção dos passos humanos nesta terra.

A consciência permite “ouvir” a voz do Senhor através do testemunho interno do Espírito Santo (Rom 9.1). Sua prontidão ao se manifestar diante dos atos praticados são tão reais na existência humana, que antes que alguém diga qualquer coisa sobre um mau procedimento nosso, a consciência já deu o alerta no mais profundo da alma.

Também é maravilhoso perceber que quando não há falha em nossas atitudes, ela também se manifesta com uma mensagem de paz, leveza, aprovação. E a alma fica tranquila.

Ninguém poderá descrever suficientemente sobre a consciência. Sua essência é subjetiva, individual e está além das letras e das lunetas da ciência, pois é inseparável da

alma, grudada aos pensamentos, atrelada aos sentimentos. A morte não a extinguirá, pois descansará na doce paz do “seio de Abraão” ou nos tormentos das recordações daquele homem rico lá no abismo! (Lc 16.19-31). Ela aspirará eternamente o cheiro do enxofre ou respirará a paz eterna dos remidos glorificados que andarão nas ruas douradas da Nova Jerusalém!

Esses resumidíssimos detalhes já nos dão ideia sobre a importância da consciência em toda a estrutura de nossa vida.

Consciência ferida

Ainda que a consciência seja subjetiva e abstrata, ela tem sensibilidade e pode ser ferida. Seus ferimentos são causados por transgressões à lei de Deus, contra o próximo e contra si. Sua estrutura possui uma sensibilidade tal que a menor transgressão a fere e quando isto acontece, logo se manifestam dentro de nós reações através de incômodos pensamentos, insatisfação, solidão interior, tristeza, sentimento de infelicidade e aquelas repetitivas lembranças do erro cometido. O salmista dizia: “o meu pecado está sempre diante de mim”. (Salmo 51.3a)

Ninguém terá dificuldade para identificar o primeiro sintoma da consciência quando ela é ferida. Há uma mudança no estado interior e a falta de paz é o sentimento mais presente na alma e não é difícil se chegar a um diagnóstico preciso. O cristão sabe disso mais que todos, pois o Espírito e a Palavra estão de prontidão, dia e noite, para alertar que algo está sob desaprovação.

A ausência de paz na alma é acompanhada de tormentos e transtornos, principalmente na vida do filho de Deus, sobre quem o Espírito Santo faz habitação.

Portanto, quando a consciência é ferida a paz é retirada e isto causa desconforto. E todos temos plena convicção

de que nada é tão precioso na vida humana quanto o ter a paz da mente, a paz do coração, a paz de espírito. Mas também sabemos que nada é tão desconfortável quanto perdê-la, não a experimentarmos, não sentirmos a bênção da paz na alma.

Estar em paz e viver com paz é o que de mais sublime pode existir para uma vida. Isto é tudo que os homens de bem buscam. Nada melhor do que chegada a noite e procurado o travesseiro para reclinar a cabeça poder dormir em paz. É algo que não tem preço! Mas quando a consciência está ferida a paz vai embora, o leito fica cheio de espinhos e o travesseiro torna-se uma pedra de gelo em dia frio!

Por estar intimamente ligada à alma a consciência, quando ferida, faz a vida perder o brilho. Então, logo se instalará no homem aquele pensamento persistente de re-provação e imperará uma inquietude tão descomunal que arrasta a alma para dentro de uma daquelas solitárias salas de tortura mental.

Tal como acontece com as feridas no corpo a da consciência também dói, incomoda, sangra e faz desaparecer no cristão aquela agradável sensação de bem-estar e o maravilhoso sentimento da comunhão com Deus. Adão e Eva conheceram isso de perto quando foram expulsos do paraíso.

Costumo meditar na perda da paz de nossos primeiros pais e os imagino naquele final de tarde, no pôr do sol, e a noite chegando. E os acompanho adentrando vagarosos, amedrontados, intraquilos e inseguros na terra escura da hostilidade, do outro lado do Éden, e a cada passo vão sendo envolvidos por aquele manto negro da

noite, nas trevas. No exato momento que o sol desaparecia no firmamento, desaparecia também no horizonte da alma de Adão o brilho gracioso de Deus. Adão e Eva penetraram nas trevas espirituais sem o brilho celeste da presença do Criador. Eles estavam literalmente nas trevas. A alma deles estava escura. A consciência deles estava ferida, enferma e sangrava. Eles transgrediram e a consciência ficou ferida.

Certo homem instruído, testemunhando sobre o estado de sua consciência ferida, afirmava que seus pensamentos estavam absurdamente confusos. Perdera a paz, vivia amedrontado, premido, oprimido, deprimido, em conflitos, em angústia, e vez ou outra era sacudido pelo desespero.

A consciência ferida produz insatisfação interna e externa. A alma fica sem sossego. Reclama de tudo, de todos, em todos os lugares. Pessoas com a consciência ferida não se sentem bem em nenhum lugar. Nem na Igreja se acomodam. Para elas a Igreja é um lugar de pessoas hipócritas. Os membros de sua família são incompreensíveis. Nenhuma diversão ou festa as satisfaz. Todas as coisas são sem graça. Frequentemente nos encontramos com pessoas assim. Todavia é importante que se saiba que não é o lugar que é desconfortável; ou a igreja que está cheia de pessoas hipócritas; a família um círculo de falsidade nem é a festa que está desanimada; antes, é a alma delas que está sem brilho, a ferida está sangrando, está doendo por dentro e está incomodando.

Pense bem nisso: não há qualidade nem sentido de vida para quem está com a consciência ferida. A perturba-

ção e o desconforto são as duas contínuas batidas do relógio noturno que insistem em roubar o nosso sossego.

É muito importante para a alma não deixar de considerar as batidas do martelo judicial pois alertam que alguma coisa vai mal dentro de nós e alguma atitude precisa ser tomada.

* Nem toda tristeza de alma é consequência de uma transgressão específica. Lembre de Jó que passou por grandes tristezas mas a causa delas não era pecado.

Consciência pesada

Certamente em algum lugar você já ouviu alguém falar em: “consciência pesada”.

E que consciência é essa? É aquela que está entulhada, sobrecarregada com lembranças de culpa, pensamentos obsessivos, lembrando-nos de algo que praticamos e persiste em nos inquietar.

Os filhos do velho patriarca Jacó se viram diante do governador do Egito que os ameaçava de prisão. Naquela situação de aperto eles compartilham a lembrança que traziam consigo sobre o que fizeram com José e comentaram entre si: “na verdade somos culpados, no tocante a nosso irmão, pois lhe vimos a angústia da alma, quando nos rogava, e não lhe acudimos; por isso nos vem esta ansiedade” (Gen 42.21). Aqueles homens nutriam ódio e ciúmes do irmão e para se livrarem dele o jogaram na cisterna, venderam-no como escravo e espalharam a notícia falsa de que ele havia sido morto por algum animal selvagem. Anos passaram, a mentira ocupou o lugar da verdade, firmaram entre si um pacto de silêncio, mas nenhum deles se esqueceu do que fizeram e aquelas lembranças iam e vinham, pesando diariamente na consciência deles. Nenhum conseguiu apagar as recordações do que praticaram, pelo contrário, estavam sobrecarregados por incômodos pen-

samentos. As atitudes de anos passados eram lembranças bem presentes e neles havia um pensamento que pesava dia e noite: José!

Não há paz no coração quando a consciência está pesada. Conviver com tal consciência é como se tivesse de andar o tempo todo com uma barra pesada de ferro pressionando a cabeça, provocando sensação de abafamento angustiante. Essa situação faz com que as noites se tornem mais longas, o sono intranquilo, a diversão perde o prazer, os pensamentos não são mais pacíficos e a vida perde a qualidade. Ouvei de uma senhora que seu falecido marido durante as noites suspirava fundo, tinha falta de ar, não se acomodava no leito e algumas vezes o viu arrastar os pés nas pernas como quem estava desesperado. Ela sabia do por que daquilo.

Viver com a consciência pesada é o que de pior pode existir para o ser humano. Isto me faz lembrar daqueles campos de trabalho forçado onde os prisioneiros eram obrigados a arrastar nos pés uma bola de ferro. O peso torturava aqueles homens, dia após dia, deixava-os cansados, levava-os à exaustão, muitos entravam em desespero, queriam fugir ou morrer, menos continuar a viver daquela maneira.

Logo após o Pentecostes, Pedro pregava a muita gente: “esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel, de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.14-36). Muitos dos que haviam participado do julgamento de Jesus, que pediram sua morte latindo como cães selvagens, que trocaram um Santo por Barrabás, ouvindo isto, ficaram aflitos e acusados pela própria cons-

ciência sentiram o fel da amargura destilando na alma. Interromperam a pregação de Pedro e indagavam aos gritos: “que faremos, irmãos?”

Na verdade, o que desejavam era a retirada do peso daquelas recordações da consciência deles que tanto os perturbava. Da crucificação até aquele dia, jamais conseguiram esquecer do pecado que praticaram contra Jesus. Eles não esqueciam da tortura a que o submeteram no julgamento, do constrangimento moral para o qual expuseram um homem justo. Não conseguiam apagar da mente o sofrimento de Jesus que se consumou na agonia da morte. Os dias passaram, a crucificação entrou para a história, os apóstolos testemunhavam sobre a ressurreição de Jesus, mas a consciência deles não lhes dava sossego, estavam continuamente sendo visitados por desagradáveis recordações e pesados pensamentos e precisam fazer alguma coisa para que fossem aliviados.

Consciência pesada é como o mar em turbulência noturna para uma tripulação. Cada onda que se levanta tem a boca da morte que se abre como um desfiladeiro do abismo. A alma fica agitada e em pânico. A estrutura é sacudida e a vida parece como a da gaivota em queda livre, sem controle de si, rumo ao desastre.

A consciência pesada impede que a vida cristã tenha qualidade. Ela causa a perda da inspiração que motiva, e abate a esperança que rejubila. Os ventos de presságio vão se formando num funil de redemoinho invisível, cada vez mais fortes, no profundo espaço da pessoa interior e como um tornado que lança tudo para cima e para os lados, vai causando todo tipo de dano existencial, da perplexidade ao desespero, do pavor à falta de paz.

Nenhuma atividade ocupacional é capaz de distrair por muito tempo a consciência quando ela se encontra pesada. Pior, com o tempo o peso vai aumentando, incomodando, indispondo, tirando a paz, e vai tornando os pensamentos cada vez mais obsessivos.

Que qualidade de vida pode ter alguém que convive com uma consciência assim? Vivendo os seus dias sem paz?

Não posso encerrar este capítulo assim e me apresso a parafrasear uma boa palavra de Jesus: “venham a mim todos os cansados e sobrecarregados, que trazem uma carga na consciência e de tão esgotados perderam a liberdade da alma. Venham a mim, porque eu dou descanso. Venham todos os que estão debaixo da carga pesada de pecados, pois vou colocá-la em meus ombros e carregá-la comigo. Tomem o peso que vem de mim, é leve e carreguem-no. Saibam que eu vim para isso mesmo, eu que sou manso e humilde, e vim trazer para vocês a minha paz. (Mat 11.28)

Consciência cauterizada

Algo muito grave pode acontecer com a consciência: ficar cauterizada. A Escritura sentencia: “alguns têm cauterizada a própria consciência” (I Tm 4.2)

Quando aquela conhecida “voz interior”, tão conhecida do cristão, que outrora se fazia ouvir, que nos incomodava, entristecia e nos conduzia ao arrependimento e nos compungia a abandonar o erro, agora já não mais se manifesta e já não se faz ouvir. Eis algumas das evidências da consciência cauterizada.

Que coisa! Nada mais ouvimos! Nada mais sentimos! E o coração vai ficando mais insensível, inamovível, petrificado.

Todos nós precisamos ter muito cuidado quando começarmos a perceber que estamos nos tornando insensíveis para com as nossas transgressões, com a insensibilidade do coração, com a mente anestesiada e o silêncio da voz interior. Quando tais coisas acontecem indicam algo grave com consequências inimagináveis para o filho de Deus.

Por que a cauterização da consciência é gravíssima? Porque, na verdade, o que o cristão está deixando de ouvir é o testemunho do Espírito Santo dentro de si. Isto quer dizer que o Espírito não nos está conduzindo ao arrependimento e, portanto, nossa alma não experimenta mais da

tristeza que vem de Deus, a tristeza que nos leva ao arrependimento. (II Co 7.10)

Uma das finalidades de Deus para nós é a santidade (Ef 1.4). Isto nos impõem um estilo de vida que não podemos desagradar a Deus. É preciso que, diariamente, façamos autoexame, consideremos o nosso pecado, reflitamos na tristeza de nossa alma, busquemos arrependimento, confessemos os nossos pecados, abandonemos o erro. Se isso não for feito vamos perdendo a sensibilidade espiritual, o sentimento da graça, a alegria da salvação, o espírito da comunhão congregacional, a convicção doutrinária e as experiências da fé. Logo a dúvida e a apatia chegam, a morbidão espiritual, a indiferença e a negligência também, os olhos se desviam do Caminho e a comunhão com a igreja é substituída por uma vida arredia, distante, que se afasta da Casa de Deus. É quando vamos embora, como Adão, nos escondendo de nós mesmos, adentrando a solidão e tentando nos esconder de Deus. Acontece conosco o que diz o Espírito Santo: “...os pecadores não permanecerão na congregação dos justos”. (Salmo 1.5b)

Portanto, trágicas são as consequências de uma consciência cauterizada. Anna Jameson disse que **“a voz da consciência jamais foi silenciada sem prejuízo”**.

A consciência cauterizada progride e as consequências continuam e já não nos damos conta disso! E avançamos também na perda da capacidade de discernimento do que é correto, verdadeiro e justo.

Observe até onde alguém com a consciência pesada pode chegar: **“o quinto anjo derramou a sua taça... o reino se tornou em trevas, e os homens remordiam a língua**

por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus do céu por causa da angústia e das úlceras que sofriram; e não se arrependeram de suas obras” (Ap 16.10-11). Ao invés de quebrantamento revolta, arrogância e nenhum arrependimento. Então, vem o juízo divino, com o juízo o sofrimento, com o sofrimento a revolta, com a revolta a blasfêmia, com a blasfêmia a irreverência, com a irreverência a falta total de temor a Deus. Quando se perde o temor a Deus a vida deixa de ter freios e o abismo está logo ali. Nesse momento não há mais arrependimento, “parece” que é impossível se arrepender... Misericórdia!

A cauterização da consciência é tão grave que, mesmo na condição de juízo e sob o perigo da destruição, os homens sequer ligam: “pelo que derramou sobre ele o furor de sua ira e a violência da guerra; ateou fogo ao redor, contudo não o entenderam; e os queimou, mas não fizeram caso (Is 42.25). Têm ouvidos para ouvir e não ouvem; olhos para ver e não vêem (At 28.27). Podem ser comparados aos viciados em bebida forte: “apanham e não sentem mais dor” (Pv 23.35).

Portanto, enquanto estivermos ouvindo a voz do Espírito Santo apressemo-nos a obedecê-la. É graça maravilhosa quando se pode ouvir a advertência, a reprovação, sentir tristeza e reconhecer a disciplina do Senhor. Assim diz o Espírito Santo: “hoje se ouvirdes a sua voz não endureçais os vossos corações” (Heb 4.7c)

Os cristãos são exortados pela Palavra a velar por seus atos, confessar, buscar o perdão e abandonar o que desagrada ao Senhor. Se não fizer isso vai ficar com a consciência cauterizada, com o coração insensível, com a cerviz endurecida e o espírito rebelde.

Só Deus em sua onisciência sabe como agir com uma alma que está com a consciência cauterizada.

Certamente não será bem-aventurado quem já provou da graça divina, conheceu os dons celestiais, participou das bênçãos do Espírito Santo e, deliberadamente, optou por trilhar um caminho de desobediência, teimando em desagradar ao Senhor e a ignorar as suas exortações. Tal pessoa se assemelha àquela que se deixou seduzir pelos prazeres da vida e está à beira da dissolução e impureza (Tt 1.15; Ef 4.19). Quando isto acontece, a vida cristã não tem mais motivação, o coração se inclina para a mentira religiosa, é entregue à “operação do erro e passa a dar crédito à mentira”. A vida vai se tornando num barco furado arrastado para o meio de um lago e vai afundando na mais profunda insensibilidade espiritual, afastando-se cada vez mais da praia onde caminha o Príncipe da Paz.

Bom é para o cristão procurar ouvir a exortação da Palavra de Deus. É bom se deixar quebrar pela vontade de Deus, chegar-se humildemente a Ele, suplicar o seu perdão e prosseguir no caminho da santificação, “sem a qual ninguém verá a Deus” (Heb 12.14)

Encerremos este capítulo com uma oração: Senhor, tem misericórdia de mim! Quebranta-me! Transforma-me! Inclina o meu coração aos teus testemunhos e não à cobiça de minha carne! Que a cada passo errado eu sinta a tristeza que vem de Ti; que eu seja conduzido por ti mesmo ao arrependimento sincero e jamais eu perca o maravilhoso sentimento da graça que perdoa, sara, sensibiliza, satisfaz, alegra, liberta e aviva. Por Jesus! Amém!

Limpendo a consciência

A faxina é tarefa indispensável numa casa, indispensável e permanente. Se a limpeza não for regularmente realizada, dejetos e insetos vão se acumulando e o mau cheiro fará do ambiente um lugar insuportável.

Assim como precisamos limpar a casa onde moramos, também é preciso limpar regularmente a Consciência. Isaac Watts escreveu: “consERVE sua Consciência (limpa). Se um único pecado forçar a entrada nessa frágil porção da alma e ali fixar residência, estará pavimentada para mil iniquidades”.

Atenção! Está dito que “um abismo chama outro abismo”. Dejetos de todo tipo podem ficar acumulados na Consciência e serão como porta aberta para a entrada de outros. Portanto, não podemos descuidar da tarefa dessa limpeza interior. Sem esse procedimento a vida cristã não será real, firme e a alma tornar-se-á escrava de uma religião formalista e hipócrita.

William Jenkyn disse: “limpe sua consciência, e sua fé estará fora de perigo”. Pura verdade, a fé sempre correrá perigo se a consciência não estiver limpa. Dúvidas e incredulidade chegarão progressivamente.

É boa e agradável a sensação quando se entra em casa após a faxina. A mesma coisa se dá com a Consciência.

Tudo é tão diferente! Do solo ao teto a nossa alma brilha. Podemos nos ajoelhar, orar, colocar o rosto em terra e depois levantar, meditar com inspiração, louvar com alegria, cantar com emoção, adorar com devoção, falar de Jesus com unção, compartilhar as bênçãos temporais e celestiais com ação de graças. Com boa consciência pode-se frequentar a Casa de Deus com alegria, compartilhar a Palavra com liberdade e ouvi-la com ávido interesse. Podemos também sair para conversar com as pessoas, olhar em seus olhos, brincar, passear, sorrir! Enfim, todo cristão sabe muito bem da harmonia que existe entre uma fé viva e uma consciência limpa; e sabe também o que se passa com a fé quando a consciência precisa de limpeza.

Todos precisamos diariamente fazer autoexame, mergulhar em nossas próprias águas, realizar uma sondagem profunda e observar como estamos nos recolhendo ao leito.

O autoexame é bíblico (I Co 11.28a), nos possibilita conhecer melhor nossa natureza, abre a porta de nossa alma e faz incursões profundas nos colocando diante de nossas obras dando-nos um diagnóstico real.

Essa prática, levando-se em conta o corre-corre da vida estressada, tem estado ausente da vida de muitos cristãos. Tenho a forte impressão de que desde o momento que deixamos de cuidar da consciência, nossa geração empobreceu na vida devocional e congregacional. Considere isto: nenhum cristão prosseguirá vitoriosamente em sua peregrinação e no conhecimento de Deus se não houver esse autoexame da consciência.

Há dois bons exemplos na Escritura Sagrada: um é quando o sacerdote Esdras retorna à Jerusalém para re-

construir a vida espiritual do povo. Mais do que miséria física o povo estava espiritualmente miserável. Esdras viu a calamitosa situação e clamou: “meu Deus! Estou confuso... para levantar a ti a minha face, porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa cresceu até aos céus”. (Ed 9.6). Esdras viu o entulho espiritual no povo. Outro exemplo é o de Davi orando: “não têm conta os males que me cercam, as minhas iniquidades me alcançaram, tantas, que me impedem a vista: são mais numerosas que os cabelos de minha cabeça, e o coração me desfalece.” (Sl 40.12). Esses dois homens mergulharam no lago interior, fizeram a sondagem, conheceram a situação e sentiram a necessidade de limpeza. Veja que a oração deles se deu a partir do autoexame. Esse autoexame é um ato de verificação que prontamente nos convoca à limpeza.

Todos os santos de Deus foram pessoas que fizeram autoexame e se dispuseram a pôr em prática a limpeza da consciência: a confissão.

A confissão

A confissão é mandamento do Senhor, um ato imediato ao Arrependimento. Sem confissão as palavras são vazias e não serão mais do que uma expressão simplesmente religiosa, uma declaração formal sem sentimento sincero e, com certeza, tal alma não achará lugar no coração de Deus e jamais alcançará o sossego desejado.

A confissão dos pecados é uma atitude de alguém que reconhece a falência de sua natureza ao mesmo tempo que revela quebrantamento e ardente desejo por perdão, libertação, purificação, restauração e paz.

A confissão dos pecados a Deus é a declaração consciente da alma, de maneira sincera e responsável, que assume a culpa de atos praticados, motivada pelo nobre sentimento que anseia pela banho da graça que perdoa, liberta e alivia.

“Eu te confessei o meu pecado e não escondi a minha maldade. Resolvi confessar tudo a ti...” (Salmo 32.5,6a). Depois disto o salmista se reencontrou com a paz de Deus que excede a todo o entendimento.

A confissão é indispensável para quem deseja limpar a Consciência. Toda vez que a consciência acender a lâmpada vermelha da reprovação por qualquer atitude nossa,

imediatamente somos conduzidos pelo Espírito Santo ao arrependimento. Então a hora é de confessar! Se isto não for feito, a alma vai se abater, a fé ficará instável, a visão espiritual nublada, o coração transtornado e a angústia se fará presente. A paz se vai!

Davi, no capítulo intitulado Arrependimento do Pecador, se dirige ao Senhor em oração de confissão com as seguintes palavras: “confesso a minha iniquidade; suporte tristeza por causa do meu pecado” (Sl 38.18).

Com a confissão se dá a restauração, se alcança misericórdia e o sentimento pacífico da graça é de novo experimentada. O cristão fica de novo de pé, caminha e corre na força e na alegria que vem de Deus.

Fazendo confissão de pecados o cristão experimentará a paz da reconciliação com Deus e descansará na fé que fortalece e sossega o coração.

A confissão é o momento no qual a porta do coração é aberta para que tudo seja novo e posto em ordem.

Consciência aliviada

Que coisa boa é para a mente e o coração quando a consciência é aliviada e fica leve! Isto é sinônimo de céu na alma, sossego, paz. “Consciência aliviada não é nada mais que um recibo assinado pela mão de Deus de que a dívida que tínhamos para com a sua Justiça está totalmente paga” (William Gurnal).

Lembra daquela “mulher pecadora” que quebrou um vaso e derramou o perfume nos pés do Salvador, misturando-o com suas lágrimas? E lembra do que Jesus disse para ela? “Vai-te em paz!”

Sim! “vai-te em paz!”. Que belas palavras! Que boas e animadoras palavras! Quanta gente está necessitada dessa voz de paz que vem do Mestre! A mulher saiu daquela casa sentindo-se leve, aliviada e seguiu o seu caminho sem o característico peso que a torturava. Saiu literalmente na paz do Senhor. Saiu diferente da maneira que havia entrado.

Que maravilha é sentir a consciência aliviada! Compara-a com a atitude simples dos peixinhos quando dão aquele salto ornamental por sobre a superfície dos lagos, nadando contra a correnteza, exibindo liberdade e aspirando o ar da graça. Que maravilha de vida e de paz!

Zaqueu recebeu a Jesus em sua casa e após ouvi-Lo confessou ser pecador, que estava disposto a reparar o seu

erro e a não fazer mais, daquele dia em diante, o que vinha fazendo. Jesus sai da casa de Zaqueu dizendo algo para que todos ouvissem: “hoje houve salvação nesta casa”. A paz de Deus entrou na alma daquele cobrador de impostos.

E o que dizer do Filho Pródigo, tipo clássico de pecador arrependido? “Pai, pequei contra os céus e contra ti, não sou digno de ser chamado teu filho...” Com um anel no dedo, sandália nos pés, vestes festivas e um coração lavado ele adentra a mansão paterna. Entrou na sala da comunhão paterna transbordando de paz, inundado pelo sentimento da graça.

Quando se está com a consciência aliviada nenhuma turbulência circunstancial será insuportável, a morte não é um desespero. Ainda que neste mundo o céu estará na alma do filho de Deus e tudo será suportado com ação de graças. Todavia, a menor das turbulências será um enorme e aterrador furacão na vida daquele que está sendo acusado pela própria consciência. A morte será para aquele que tem a consciência pesada a proclamação de juízo e os pensamentos serão lembretes perturbadores de condenação eterna.

Bem-aventurados os que estão com a Consciência aliviada! Bem-aventurados os limpos de coração! Bem-aventurados os que têm as suas vestes lavadas pelo sangue de Jesus! Estes são os que experimentam a paz com Deus.

A consciência do cristão

Se há algo que o cristão não pode descuidar é com a preservação da boa consciência. Isto é fundamental, essencial e indispensável para a qualidade da vida cristã. O cultivo da boa consciência promoverá um maravilhoso relacionamento com o Pai, com o próximo e consigo mesmo.

O velho Jó cuidava de sua consciência: Disse: “a minha consciência não me reprova por qualquer dia da minha vida” (27.6). Que bênção! Isso o fazia um homem tranquilo, forte, resignado, firme, até nos piores momentos de sua vida. Paulo dizia: “de nada me argui a consciência, embora não me dê por justificado”. O apóstolo sabia que era pecador, que possuía uma natureza pecaminosa, mas sabia também que precisava viver neste mundo mantendo boa a consciência. Isto fez dele um homem que combateu o bom combate, chegou ao final da carreira, guardou a fé e morreu na esperança da Glória de Deus.

Percebe-se que não estamos priorizando em nossos dias o cuidado com a consciência. Isto é mau! Não há nada mais triste para um cristão do que viver curvado sob a ditadura de seus próprios pensamentos, vivendo em guerra permanente consigo mesmo, com as coisas, com as pessoas, com o Criador, debaixo dos pesados pés de Satanás, que usa pecados não confessados e perdoados para oprimir os

filhos de Deus, para escravizá-los, envergá-los, derrotá-los e envergonhá-los. Lembro daquela mulher, que de tão curvada, só podia olhar para seus pés. Mas se encontrou um dia com Cristo, que se compadeceu dela, tirou o peso de seu espírito, libertou-a e a fez olhar para o horizonte, para cima, para o céu, para Deus.

Que qualidade de vida pode existir para um cristão cuja alma está sobre um vulcão aquecido pelo calor insuportável da reprovação divina?

Das lições da vida eu venho aprendendo que os tormentosos dramas da existência se originam exatamente no leito secreto e invisível do lago da consciência, na sala íntima onde o Espírito Santo perscruta e de onde faz vibrar a voz e o juízo de Deus.

Vida cristã e consciência

Já fizemos anteriormente uma rápida referência ao fato de que uma pessoa, com a consciência entulhada por atos transgressivos, tornar-se-á escrava de uma vida religiosamente formalista e hipócrita.

Em nossa caminhada podemos conciliar muitas coisas, porém, há uma que é impossível: vida cristã com má consciência.

William Fenner escreveu magistralmente sobre isso: "...a consciência está associada, em sua comissão, ao próprio Espírito de Deus... O Espírito Santo e a consciência ou sofrem resistência ou estão em harmonia; ou são entristecidos ou se deleitam juntos. Não podemos pecar contra a consciência sem pecar igualmente contra o Espírito Santo de Deus; não podemos resistir à nossa própria consciência, sem também resistir e abafar o Santo Espírito de Deus."

É verdade! A consciência convive com o Espírito Santo! Daí a impossibilidade de alguém não ter boa consciência vir a ser um sincero seguidor de Cristo. Quando isto acontece, nenhum culto subirá como um perfume agradável "as narinas de Deus"; nenhuma oração estará na taça de incenso na presença de Deus; nenhum cântico terá a expressão de um autêntico louvor ao Senhor; nenhuma boa obra glorificará a Cristo se a consciência não estiver

harmonizada com o Espírito Santo. Só experimentaremos a paz com Deus quando estivermos também em paz com a nossa consciência iluminada pela Espada do Espírito.

Esta doutrina sobre a presença do Espírito conosco não pode deixar de lado isto: o Espírito Santo está intimamente ligado à nossa consciência. Agostinho afirmou que uma boa Consciência “é o palácio de Cristo, templo do Espírito Santo, paraíso do deleite e descanso permanente dos santos”.

O transbordar de “águas vivas” do coração cristão é uma doce evaporação que se forma numa nuvem celestial para fazer chover e molhar a vida de todos os redimidos com a Água que jorra do Santuário do Cordeiro. O refrigerio interior é uma evidência que traz bons momentos na presença de Deus.

Quando ambos estão conciliados os efeitos práticos da regeneração, da conversão e da santificação são uma experiência da paz real que reina num coração aprovado pelo Espírito Santo.

Se o Espírito Santo não estiver em harmonia com nossa consciência, jamais viveremos a paz cristã, pelo contrário, seremos golpeados pelos pensamentos perturbadores da dúvida, andaremos vacilantes, indisciplinados em nossos atos, padeceremos de desorganização mental, nos afastaremos da comunhão dos irmãos e não vibraremos com as santas e alentadoras expectativas da vida celestial. A Religião Pura e sem Mácula perderá o sentido para nós e não teremos o perfume da graça para perfumar aos outros.

Calvino ensinou que a boa consciência é uma inseparável auxiliar da fé. Partindo desta afirmação se pode dizer:

com boa consciência a fé firme. Com má consciência a fé treme.

O número de pessoas que são evangélicas, que se filiaram a uma igreja, professaram a fé, mas pararam na carreira cristã e não cresceram, não frutificaram, não amadureceram parece ser grande. O que se percebe nesta nossa geração é uma crescente escassez do regozijo celestial, testemunhos que não refletem a presença de Cristo e pouco destaque neste mundo de trevas da preciosidade da graça divina.

A falta de sentido na vida cristã tem algumas causas, mas uma com certeza é a tristeza do Espírito Santo no filho de Deus.

Onde estará o problema? A resposta certamente está na consciência de cada um, que sob o foco inspirador da Palavra de Deus e iluminação do Espírito Santo, saberá responder.

Conclusão

A nossa vida, por mais afetada que tenha sido pelo pecado, é muito bonita! A vida que vivemos é um lampejo da vida eterna refletida em nós. Viver a vida é ter oportunidade para também pensar no seu significado que é especial e nos faz pensar na vida ideal, plena, gloriosa, eterna, no Paraíso, na Morada celestial na Presença de Deus.

Aprendemos das Escrituras que Jesus Cristo é a Essência e a Razão da vida em toda a sua plenitude e o sentido da existência, passa por uma boa consciência. Jesus não nos deu apenas a vida mas veio nos dar também o sentido dela através da graça do Evangelho.

Acho uma preciosidade a declaração de Jesus para muitos dos pecadores que buscavam a sua bênção e ele dizia: “paz”.

Após seu toque especial na alma do pecador o Senhor dizia: “Vai em paz!”. Como consequência desta santa palavra era como se o Senhor estivesse dizendo também para nós as seguintes palavras: Volta e vai viver a tua vida! Vai aos teus, à tua família, à tua casa! Vai viver a vida normal, vai passear nas praças, nos parques arborizados e floridos, vai contemplar o colorido e a leveza das borboletas! Vai ouvir a sinfonia da passarada! Vai passear, caminhando animadamente na praia, molhando a planta dos pés dei-

xando-a cobrir-se com as espumas brancas trazidas pelas ondas! Vai sonhar os sonhos da esperança e acordar com a realidade vitoriosa à porta! Vai ver o raio do sol da alvorada e deixa-te banhar por seus raios! Vai aspirar a brisa fina que levemente refrescará teu corpo experimentando a gostosa sensação da saúde plena! Vai e sobe a montanha e hasteia no pico a bandeira tremulante do salutar sentimento da Graça que inunda a Vida! Vai! Vai! Vai!

Vai viver a vida normal! Cuida de tua consciência! Tê-la boa é aspirar o perfume adocicado dessa paz que inunda alma e invade o espírito, dessa paz que vem de Jesus, a verdadeira e inconfundível Paz, a Paz que excede todo o entendimento, a Paz do Senhor!

Na leitura do Evangelho vamos encontrar o Senhor Jesus pregando: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou...”

Para os que estavam em conflito o Príncipe da Paz disse: Paz!

Para os aflitos: Paz!

Para os amedrontados: Paz!

Para os angustiados: Paz!

Para os desesperados: Paz!

Para os desesperançados: Paz!

Para os atormentados: Paz!

Estas palavras ditas pelo Mestre têm uma força extraordinária de uma mensagem revolucionária. Ele também diz a mesma coisa para nós: “Vai e vive a vida que eu te dou! Viva com naturalidade e intensidade, aproveitando os maravilhosos momentos oferecidos pelo Pai Criador. Vai!

brinca, estuda e trabalha na perspectiva de que em tudo estás glorificando a Deus; Vai e vive o sentimento da alma infantil que salta e se alegra, chora para de novo voltar a sorrir; Vai e vive o sentimento da juventude na força da graça celestial; Vai e vive a maturidade na produção dos bens que satisfazem a tua vida; Vai e vive a tua velhice na doce e santa expectativa dos bons tempos eternos que estão por vir. Enfim, vivam todos nessa santa expectativa da existência eterna, quando então penetraremos nas santas dimensões celestiais e, vestido das eternas alegrias, voaremos com as asas da graça, na atmosfera das mansões eternas, preparadas para todos aqueles que amam sinceramente ao Senhor Jesus.”

Sim irmãos! Vivamos a vida que Deus nos tem dado com naturalidade e normalidade! Busquemos sempre ao Senhor e não nos afastemos de sua Palavra. Ela tem de estar no coração (Dt 6.6); na alma (Dt 11.18); na boca (Rm 10.8); nos olhos (Dt 11.18); nas mãos (Dt 11.18). Ela também é para os nossos pés e para o nosso caminho (Sl 119.11).

Lembre-se de que a maravilhosa Palavra de Deus tem o poder para tornar boa a nossa consciência, encher a alma do sentimento de paz, transbordá-la com a alegria do Senhor, sossegá-la nos braços do Pai assim como a criança se aquieta nos braços de sua mãe. Então você entenderá o que significa adorar a Deus “em espírito e em verdade” e viver com intensidade os dias que o Senhor nosso Deus nos tem dado.

A vida piedosa é o reflexo de uma boa consciência ungida pelo Espírito Santo e orientada pela Escritura Sagrada.

Bibliografia

Pérolas para a vida – John Blanchard

Bíblia Sagrada

Estudos Bíblicos em Acampamentos, Grupos familiares e Pregações e Discipulado.

Contato

franklinrdavila@yahoo.com.br